

Viacava acha que capitalizar juros é apenas jogo semântico

O Brasil não precisa e não deve negociar, em setembro, a capitalização dos juros da dívida externa, de forma automática, parcial ou total, porque capitalização de juros não passa de um jogo semântico, disse o Diretor da Carteira de Comércio Exterior (Cacex) do Banco do Brasil, Carlos Viacava, durante o 14º Congresso Brasileiro de Siderurgia.

Segundo ele, o Brasil praticamente já está obtendo a capitalização dos juros, ao tomar dinheiro emprestado com os bancos para pagar o serviço da dívida, não sendo necessários novos mecanismos.

Os juros são mesmo um problema sério, comentou Viacava, principalmente com a alta recente da **Libor** (taxa interbancária de Londres) e da **prime-rate** (taxa preferencial dos EUA), porque dos 100 bilhões de dólares da dívida, cerca de 40 bilhões de dólares, devem ser apenas encargos com juros e comissões, capitalizados.

— Mas a melhor saída para solucionar esse problema continua sendo a de empregar superávits comerciais elevados, reduzindo a dívida, porque apenas rolar os juros significa adiar para mais tarde o pagamento — afirmou.

Superávit de 10 bilhões

Para o diretor da Cacex, mesmo que o Brasil venha a obter melhores condições para o financiamento da dívida, em breve, a política de superávits comerciais elevados e de corte nas importações terá que continuar sendo empregada, não só para reduzir um pouco os encargos da dívida, mas também porque superávit comercial auxilia a recuperação econômica do País, estimulando a produção em alguns setores da economia.

Ele crê que este ano o superávit poderá chegar a 10 bilhões de dólares, “apesar de que a meta do Governo para a balança comercial continua sendo de um saldo positivo de 9 bilhões de dólares”.

Viacava lamentou, porém, que os 1 bilhão de dólares

adicionais que poderiam ser utilizados na acumulação de reservas, com a elevação dos juros internacionais, deverão ser empregados apenas para arcar com a alta dos juros. O ideal, disse ele, seria que a taxa fosse de 5% ao ano, e não de 12,5%.

De acordo com o diretor da Cacex, se não fosse o protecionismo internacional, o Brasil poderia apresentar um superávit agora em 84, de cerca de 13,5 bilhões de dólares. As perdas causadas pelas restrições às vendas dos produtos brasileiros no exterior, impostas pelos países desenvolvidos, informou, representam cerca de 4 bilhões de dólares. Só com o aço, o Brasil deve perder este ano 100 milhões de dólares.

O Deputado Pratini de Moraes disse ontem que a manifestação conjunta dos sete países da América Latina contra a alta dos juros internacionais tem o lado positivo de dar um tratamento político à questão do endividamento externo, “que sem dúvida nenhuma é também uma questão política”.

Segundo ele, mesmo com a manifestação conjunta dos países endividados, o Brasil, por enquanto, só tende a conseguir em setembro, nas negociações, uma redução na taxa de risco (**spreads**) de 2 1/4 da **prime-rate** para cerca de 1%. Essa mudança nas condições de pagamento da dívida, apesar de relevante, reconheceu, é ainda insuficiente; mas é a que os bancos internacionais estão dispostos a aceitar. E trata-se de “um bom sinal, porque reflete a avaliação do Fundo Monetário Internacional e dos bancos credores quanto ao desempenho econômico brasileiro, no que se refere às contas externas.

Mas, além disso, comentou, é necessário lutar até setembro por uma mudança mais radical na forma de pagamento da dívida externa, como a capitalização de parte dos juros já que o país não pode continuar sendo um grande exportador de capital.